

Inclusão e Educação 4

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

Inclusão e Educação

4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I37 Inclusão e educação 4 [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaína Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Inclusão e Educação; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-032-2

DOI 10.22533/at.ed.322191501

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. 4. Incapacidade intelectual. I. Machado,
Danielle H. A. II. Cazini, Janaína. III. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação e Inclusão: Desafios e oportunidades em todos as séries educacionais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu volume IV, apresenta em 24 capítulos, os novos conhecimentos científicos e tecnológicos para a área da saúde especial das modalidades da saúde intelectual, mental da Educação Inclusiva e os processos de ensino e aprendizagem na Educação Básica.

A Educação por Inclusão engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas tecnológicas nas áreas do Ensino, nos estudos e pesquisas sobre as dificuldades de aprendizagem e problemas emocionais de conduta na sala de aula, no atendimento educacional especializado e na subjetividade do professor e do estudante na relação com as dificuldades de aprendizagem escolar. Esses são alguns dos desafios à inclusão que visam o aumento benéfico, produtivo na qualidade do ensino e desenvolvimento do aluno especial. Além disso, a crescente demanda por conceitos e saberes que possibilitam um estudo de melhoria no processo de participação e aprendizagem à educação inclusiva aliada a necessidade de recursos específicos.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume IV é dedicado ao público de pessoas que possuem deficiência e dificuldade psicológica de aprendizagem na perspectiva das Instituições de Ensino ao atendimento educacional especializado.

Este volume, apresenta artigos que abordam as experiências do ensino e aprendizagem, no âmbito escolar, desde os processos de ensino e aprendizagem na Educação Básica às séries mais avançadas como a metodologia do ensino da matemática III como espaço de discutir educação matemática inclusiva, também, artigos que traçam a Educação e ensino na sociedade da informação e da comunicação, as contradições no discurso de inclusão e exclusão vigentes na sociedade brasileira e alguns artigos que apresentam didáticas para a confecção de brinquedos pedagógicos.

Assim, aos componentes da esfera educacional que obtiveram sucesso mesmo com os desafios encontrados, a mediação pedagógica como força motriz de transformação educacional e a utilização de tecnologias assistivas para auxiliar o aprendizado do discente especial.

Ademais, esperamos que este livro possa fortalecer o movimento de inclusão social, colaborando e instigando professores, pedagogos e pesquisadores às práticas educacionais, às contribuições do discurso, didática e ensino à quem ensina, aos alunos especiais na transação da escola regular sob um olhar da psicopedagogia e aos educadores que corroboram com a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DISCIPLINA METODOLOGIA DO ENSINO DA MATEMÁTICA III COMO ESPAÇO DE DISCUTIR EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>José Jefferson da Silva</i> <i>Tânia Maria Goretti Donato Bazante</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3221915011	
CAPÍTULO 2	12
A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Ana Carolina Brandão Verissimo</i> <i>Andréia Mendes dos Santos</i> <i>Fábio Soares da Costa</i> <i>Renata Santos da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3221915012	
CAPÍTULO 3	23
A INCLUSÃO NA ESCOLA E NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
<i>Eloyse Emmanuelle Rocha Braz Benjamim</i> <i>José Rogério Silva da Costa</i> <i>José Jefferson Gomes Eufrásio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3221915013	
CAPÍTULO 4	34
CAMINHOS PARA INCLUSÃO: SABERES, EXPERIÊNCIAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA	
<i>Glaé Corrêa Machado</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3221915014	
CAPÍTULO 5	45
A SUBJETIVIDADE DO PROFESSOR E DO ESTUDANTE NA RELAÇÃO COM AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESCOLAR: DESAFIOS À INCLUSÃO	
<i>Telma Silva Santana Lopes</i> <i>Maristela Rossato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3221915015	
CAPÍTULO 6	57
AS CONTRADIÇÕES NO DISCURSO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO VIGENTES NA SOCIEDADE BRASILEIRA	
<i>Giuza Ferreira da Costa Victório</i> <i>Maria do Socorro Sales Felipe Bezerra</i> <i>Francimar Batista Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3221915016	
CAPÍTULO 7	65
CONFEÇÃO DE BRINQUEDO PEDAGÓGICO COM MATERIAIS REUTILIZÁVEIS PARA ESCOLAS PÚBLICAS DE CABEDELO	
<i>Juçara dos Santos Ferreira Dias</i> <i>Adriana Travassos Duarte Jácome</i> <i>Rachel de Oliveira Queiroz Silva</i>	

Mellyne Palmeira Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.3221915017

CAPÍTULO 8 77

EDUCAÇÃO E ENSINO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

Izabel Cristina Barbosa de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3221915018

CAPÍTULO 9 86

NOVAS TECNOLOGIAS COMO RECURSO POSSÍVEL PARA A PRÁTICA DOCENTE

Leandra da Silva Santos

Edivânia Paula Gomes de Freitas

Meiryllianne Suzy Cruz de Azevedo

DOI 10.22533/at.ed.3221915019

CAPÍTULO 10 95

LER, JOGAR E ESCREVER: SINALIZANDO ESTRATÉGIAS PARA ENSINAR LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

Mariana Gonçalves Ferreira de Castro

Celeste Azulay Kelman

Maria Vitória Campos Mamede Maia

DOI 10.22533/at.ed.32219150110

CAPÍTULO 11 106

O QUE REVELAM AS PESQUISAS BRASILEIRAS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA?

Paulo Roberto Brancatti

Renata Portela Rinaldi

DOI 10.22533/at.ed.32219150111

CAPÍTULO 12 117

O TRABALHO DO PROFESSOR DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE): CAMINHANDO ENTRE A LEGISLAÇÃO E A PRÁTICA DOCENTE

Daniela Santos Alves de Lima

Viviane França Lins

Rafaella Asfora Lima

DOI 10.22533/at.ed.32219150112

CAPÍTULO 13 125

OS ENTRAVES DA INCLUSÃO: LEITURA E PRODUÇÃO PARA SURDOS E OUVINTES

Lídia Maria da Silva Santos

Pâmela dos Santos Rocha

Shirley de Souza Silva

DOI 10.22533/at.ed.32219150113

CAPÍTULO 14 134

PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES QUANTO A INCLUSÃO DE DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS, NUMA MESMA SALA DE AULA NO ENSINO DA EJA

Maria Karoline Nóbrega Souto Dantas

Maria José Guerra

DOI 10.22533/at.ed.32219150114

CAPÍTULO 15	145
REFLETINDO ACERCA DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DA MATEMÁTICA NO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA A PARTIR DAS FALAS DOS PRÓPRIOS ESTUDANTES	
<i>Tereza Cristina Bastos Silva Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.32219150115	
CAPÍTULO 16	156
A INCLUSÃO DE DIFERENTES GRUPOS MEDIADA PELO ESPORTE NO PROGRAMA LABORATÓRIO PEDAGÓGICO DE SAÚDE, ESPORTE E LAZER DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARÁIBA	
<i>Ana Vitória Guerra Nunes</i>	
<i>Anny Sionara Moura Lima Dantas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.32219150116	
CAPÍTULO 17	164
ZONA RURAL: ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE PROTAGONIZANDO A INCLUSÃO ESCOLAR	
<i>Edileuza Francisca da Silva Mesquita</i>	
<i>Acleylton Costa</i>	
<i>Arségila Sandra Ferreira das Neves</i>	
<i>René Armando Flores Castillo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.32219150117	
CAPÍTULO 18	172
AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E OS PROBLEMAS EMOCIONAIS E DE CONDUTA NA SALA DE AULA	
<i>Joana Paula Costa Cardoso e Andrade</i>	
<i>João Maria Cardoso e Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.32219150118	
CAPÍTULO 19	184
O GATO QUE GOSTAVA DE CENOURA: CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO COMBATE AO PRECONCEITO	
<i>Francisco Leandro de Assis Neto</i>	
<i>Gracielle Malheiro dos Santos</i>	
<i>Cleyton César Souto Silva</i>	
<i>Leonídia Aparecida Pereira da Silva</i>	
<i>Liliane Lima de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.32219150119	
CAPÍTULO 20	193
SABERES NECESSÁRIOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
<i>Ana Paula Lima Carneiro</i>	
<i>Ananeri Vieira de Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.32219150120	
CAPÍTULO 21	206
A EDUCAÇÃO DO CAMPO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: AS AÇÕES DE FORMAÇÃO CONTINUADA E ASSESSORAMENTO AO AEE DAS ESCOLAS RURAIS DE CRUZEIRO DO SUL/AC	
<i>Francisca Adma de Oliveira Martins</i>	
<i>Deolinda Maria Soares de Carvalho</i>	
<i>Maria Dolores de Oliveira Soares Pinto</i>	
<i>Nayra Suelen de Oliveira Martins</i>	

DOI 10.22533/at.ed.32219150121

CAPÍTULO 22 216

CULTURA LETRADA E TDICS: ANÁLISES NA GENERALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS DE INCLUSÃO DIGITAL

Edgard Leitão de Albuquerque Neto

DOI 10.22533/at.ed.32219150122

CAPÍTULO 23 224

PERCEPÇÕES DE DOCENTES E DE DISCENTES EM RELAÇÃO À INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Thelma Helena Costa Chahini

Sadao Omote

DOI 10.22533/at.ed.32219150123

CAPÍTULO 24 236

A CARTA ABERTA COMO INSTRUMENTO DE AÇÃO SOCIAL: RESSIGNIFICANDO O PROCESSO DE PRODUÇÃO ESCRITA NA EJA

Lidiane Moreira Silva de Brito

Laurênia Souto Sales

Marluce Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.32219150124

SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 247

O GATO QUE GOSTAVA DE CENOURA: CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO COMBATE AO PRECONCEITO

Francisco Leandro de Assis Neto

Universidade Estadual da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade
Campina Grande - Paraíba

Gracielle Malheiro dos Santos

Universidade Federal de Campina Grande,
Unidade Acadêmica de Saúde, Curso de Nutrição
Cuité – Paraíba

Cleyton César Souto Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Programa de Pós Graduação em Enfermagem
Natal – Rio Grande do Norte

Leonídia Aparecida Pereira da Silva

Universidade Federal de Campina Grande;
Unidade Acadêmica de Psicologia
Campina Grande- PB

Liliane Lima de Souza

Universidade Federal de Campina Grande;
Unidade Acadêmica de Psicologia
Campina Grande - PB

RESUMO: Dentre tantas atribuições que a leitura literária adquire na escola, acreditamos no texto literário como uma prática social capaz de modificar realidades e existências. Contudo, a escola também pode se tornar um lugar de exclusão e reforço das diferenças e preconceitos, representados por vezes pelo próprio currículo escolar. Sabendo disso, procuramos propor

um diálogo entre os Estudos Literários e os Estudos de Gênero e Sexualidade na análise das representações de gêneros presentes na obra “O gato que gostava de cenoura” de Ruben Alves. A narrativa apresenta uma proposta paralela à heteronormalidade que pode ser trabalhada em sala de aula para combater o preconceito e dar visibilidade a sujeitos historicamente “apagados” socialmente. Os aportes teóricos utilizados não se fixará a um campo específico da ciência, mas como a proposta volta-se à diversidade, as bases teóricas utilizadas obedecerão esse espírito. Para a abordagem das questões curriculares e interdisciplinares nos valeremos dos escritos de Jurjo Torres Santom é e Rick Santos; para as questões referentes às representações sociais e diferença Tomaz Tadeu da Silva; por fim, para as questões de gênero e sexualidades paralelas à heteronormatividade e os regimes de poder que envolvem as relações de gênero na sociedade recorreremos a Michel Foucault, Judith Butler e Erick Neumann. Assim, esperamos contribuir para a revisão do currículo escolar acerca das questões de gênero e a inserção da temática por meio da literatura infantil.

PALAVRAS-CHAVE: literatura infantil, representação social, identidade de gênero, homoafetividade

ABSTRACT: Among the many attributions that

literary reading acquires in school, we believe in the literary text as a social practice capable of modifying realities and existences. However, school can also become a place of exclusion and reinforcement of differences and prejudices, sometimes represented by the school curriculum itself. Knowing this, we try to propose a dialogue between the Literary Studies and the Studies of Gender and Sexuality in the analysis of the representations of genera present in the work “The cat that liked carrot” by Ruben Alves. The narrative presents a proposal parallel to the heteronormativity that can be worked out in the classroom to combat prejudice and give visibility to subjects historically “erased” socially. The theoretical contributions used will not be fixed to a specific field of science, but as the proposal returns to diversity, the theoretical bases used will obey this spirit. In order to approach the curricular and interdisciplinary issues we will use the writings of Jurjo Torres Santomé and Rick Santos; for the questions related to social representations and difference Tomaz Tadeu da Silva; Finally, for issues of gender and sexuality parallel to heteronormativity and the regimes of power that involve gender relations in society, we will turn to Michel Foucault, Judith Butler, and Erick Neumann. Thus, we hope to contribute to the revision of the school curriculum about gender issues and the insertion of the theme through children’s literature.

KEYWORDS: children’s literature, social representation, gender identity, homoafetividade

1 | REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS, DISCURSO E CURRÍCULO

O corpus escolhido para compor a análise do presente artigo consiste na obra “O gato que gostava de cenoura” de Rubem Alves. Esta obra figura no que se pode classificar Literatura Infantil, vez que, por meio de um contexto lúdico (fábula) tenta alcançar o público infantil. Entretanto, o que se observa na obra é a narrativa de uma temática ainda timidamente abordada neste tipo de literatura: a homoafetividade. Como aporte teórico, utilizamos autores que figuram uma perspectiva pós-estruturalista como Tomaz Tadeu Silva para articular as discussões na formação do currículo, leitores e profissionais da educação na atualidade. Além das contribuições de Michel Foucault acerca dos processos de subjetivação e modos de representação do sujeito. Objetivamos, então, discutir como a literatura infantil pode abordar, de forma sutil e lúdica, temáticas relacionadas às sexualidades paralelas à heteronormatividade e como isso pode ser aproveitado pelo docente.

Quando a discussão em torno de sexualidades paralelas à heteronormatividade surge, é mister apontar a noção tríade de “poder-saber-prazer” articulada por Foucault (2010), referência no entendimento da dinâmica sexual que domina o Ocidente pelo menos desde o século XVII. Em seus volumes sobre a *História da Sexualidade*, Foucault (2010) aponta o aparato discursivo elaborado a partir do século XVII para controlar a sexualidade humana. Neste contexto, um discurso disciplinador a fim de

controlar, classificar e eleger condutas aceitáveis em torno da sexualidade, desde a performance de gênero até erótica, é criado.

A sexualidade humana é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal legítimo e procriador, dita a lei, Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. (FOUCAULT, 2010, p. 9)

Com a ascensão da burguesia no Ocidente, a família nuclear – que tem como matriz o homem e a mulher – fica responsável pelo “divino” ofício da reprodução da espécie humana. Para tanto o casamento torna-se algo imprescindível. Esse discurso não só descarta qualquer outra forma de relacionamento humano, como também avaliza como a única forma aceitável, normal e lícita esse tipo de união, uma união de pessoas de sexos diferentes que mantém uma relação conjugal oficializada.

Desta feita, todas as modalidades eróticas ou afetivas que fugissem desse modelo poderiam ser consideradas como “sexualidades ilegítimas” (FOUCAULT, 2010, p.10), sobretudo as relações homoeróticas ou homoafetivas, que feriam o princípio maior que era a reprodução: “crescei-vos e multiplicai-vos”. Seguindo essa lógica, aqueles sujeitos ou corpos que divergissem do modelo cristalizado de normalidade não teriam *a priori* uma função social, seriam seres e corpos (des)importantes, vez que “o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, “dentro” do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio” (BUTLER, 2010, p.155-156).

Nos processos de identificação, subjetivação (ou abjetivação) a linguagem tem papel fundamental, pois é por meio dela que nomeamos os seres conferindo-lhes valor, dinamizando os processos de alteridade. Em outras palavras, é através da articulação da linguagem que diferenciamos seres e culturas. Essa representação desde sempre é simbólica, abstrata do campo físico, mas muito concreta no que diz respeito aos valores. Neste esteio observa-se que as noções essencialistas e naturalista permeiam de fora a fora os discursos representativos do outro, principalmente pela diferença ser, via de regra, encarada de forma negativada, tendo de ter, portanto, sua existência eliminada ou silenciada socialmente. Dessa forma, nascem as concepções de identidades socialmente aceitáveis ou não, vez que o modelo da heteronormalidade arroga-se homogêneo, cristalizado e imutável, desprezando e minorizando qualquer variação possível. Os argumentos essencialistas apregoados nesse sistema de representação baseiam-se, principalmente, em fundamentos biológicos como verdades indissolúveis (WOODWARD, 2007, p.14), afastando-se de qualquer ondulações produzidas pelas diversas identidades culturais que permeiam uma sociedade. Contudo, segundo Woodward (2007), as identidades e representações são produzidas e (re)alimentadas

por via das representações sociais e culturais do outro, tendo o outro, o abjeto, um papel protagonista na reafirmação da própria identidade “dominante”.

As formas como as representações ocorrem na sociedade dependem, sobretudo, de quem fala e do lugar de onde se fala. As relações de poder estão imbricadas com as formas de representações sociais e culturais dos sujeitos, fazendo com que os discursos de controle, principalmente voltados à sexualidade, constituam “técnicas poliformas de poder” (FOUCAULT, 2010, p.18), que traduzem-se em interdições, desqualificações e recusas intensificadas por essas técnicas.

Tecendo-se todo um sistema discursivo em torno do sexo, também se cria todo um aparato punitivo que visa o controle dessas sexualidades desviantes, “sexualidades insubmissas à economia estrita da reprodução” (FOUCAULT, 2010, p.18). Logo a demanda pedagógica surge, percebeu-se que muito mais produtivo que a punição seria a “educação”, sobretudo das crianças. A vigilância dos corpos e sua educação passam a ser uma preocupação não mais familiar, mas de interesse público e social visando a manutenção da reprodução humana, do desejo heterossexual e, concomitantemente, a produção de mão de obra de uma Revolução Industrial se iniciava. Este corpo educado era impelido a reproduzir comportamentos, gestos e práticas condizentes à moral heteronormativa de então, tornando-se um “corpo dócil”. Envolvidas nessa pedagogia do corpo estavam a família, a escola e a igreja, entre outras instituições a quem interessava o agenciamento dos corpos.

Na “contra-mão” desses processos, pode-se também apontar como os sistemas simbólicos produtores de cultura podem em sua sistemática questionar representações sociais já cristalizadas no consciente coletivo, identidades pré-fixadas por uma “lei fundante” ou por textos seculares, corroborando aquilo que Woodward chama de “crise de identidade” (2007, p.19). Esta crise só se torna possível a partir da tomada de consciência de que os sistemas de repressão excluem o outro, tornando-o “inumano”, “estranho”, “anormal”, alocando suas identidades a uma subclassificação, principalmente as identidades sexuais desviantes da norma. Esses sistemas culturais simbólicos agem como agentes de denúncia pondo em evidência múltiplas identidades, procurando respeitar e problematizar esses sujeitos e corpos historicamente “apagados”.

Esses sistemas simbólicos culturais abarcam a literatura, música, artes plásticas, dança, escola, dentre outras performances. Eles, bem como seus produtores, entendem que a contemporaneidade está cada vez mais descentralizada, que novas e complexas formas de subjetivação humana emergem a todo tempo e que exigem para si o reconhecimento de sua alteridade por meio da visibilidade. Essas identidades emergentes podem ser classificadas, como aponta Woodward (2007, p.32), como globais, locais, pessoais e políticas, desfazendo a ideia de unidade homogênea apregoada por mais de dois séculos.

Neste novo panorama, é papel da escola repensar suas bases epistemológicas a fim de reorganizar seu currículo em prol do respeito (não tolerância) às diferenças já

percebidas desde a segunda metade do século XX. Fazê-lo não implicaria em “aplaudir” a diferença, mas, antes de tudo, problematizá-la, vez que a “identidade, da diferença do outro é um problema pedagógico e curricular” (SILVA, 2007, p.96-97), contudo, o que ainda se vê no sistema educacional brasileiro é uma escola e currículo excludentes, que funcionam como ferramenta de discriminação e de reforço das fronteiras existentes na diferença. A literatura adotada no sistema público de ensino brasileiro ainda é reflexo de uma cultura erudita feita por poucos e para poucos, celebrando o cânone e as representações nele impressa. Diante desta realidade Santos (1997) argumenta sobre a urgência da subversão do Cânone literário a fim de dar visibilidade, e problematizar personagens gays e lésbicas presentes na nossa literatura. Para que esta empreitada aconteça efetivamente, é necessário um reposicionamento teórico, político e crítico no modo de se ler a literatura de temática homoerótica e/ou homoafetiva, proporcionando visibilidade a outras vozes e identidades culturalmente silenciadas de maneira multicultural.

Não podemos cobrar isso apenas das esferas administrativas educacionais, mas, principalmente, o que deve ser feito é a instrumentalização do leitor por meio de novas metodologias que façam com que o discente perceba o outro de maneira crítica e reflexiva na tessitura do texto literário pois a “obra literária, como patrimônio cultural humano, deve manifestar sua resistência, insistir na sua condição formativa, capaz de contribuir para a humanização do homem” (TURCHI, 2008, p.16). Essa humanização da literatura deve ser incluída nos seus objetivos que, muitas vezes, resumem-se a um mero treinamento de reconhecimento de estilos de época e de características “rasas” presentes nas obras de autores já integrantes do Cânone. Entretanto, não se está propondo tratar a literatura como meio de levante de bandeiras. Mas o que se propõe é uma abordagem que problematize a função estética e política da mesma. Pretendendo formar um leitor crítico, com maior compreensão do outro e de seus valores através do contato com o texto literário, apontando esteticamente a subjetividade do outro e como ele articula as relações de suas personagens com o contexto social, permitindo ao leitor um alargamento de seus horizontes conceituais, de valores e expectativas junto ao texto literário.

Sendo assim, observa-se a urgência da abertura e reestruturação do currículo à abordagens que insiram a discussão das diversas identidades culturais que permeiam nossa sociedade, referenciando as questões de gênero e sexualidades díspares como a homoafetiva, que por muito tempo foi/é silenciada em nossa sociedade. Assim entendemos que:

[...] instituições escolares são lugares de luta, e a pedagogia pode e tem que ser uma forma de luta político-cultural. As escolas como instituições de socialização têm como expandir as capacidades humanas, favorecer análises e processos de reflexão em comum com a realidade, desenvolver nas alunas e alunos os procedimentos e destrezas imprescindíveis para sua atuação profissional, crítica, democrática e solidária na sociedade. (SANTOMÉ, 2009, p.175).

Ao mesmo tempo que o currículo pode incluir e legitimar sujeitos e práticas, ele também pode excluir e reforçar preconceitos e barreiras à visibilidade e a própria existência de sujeitos “não desejáveis” pela heteronormalidade, como aponta Santomé (2009) e Silva (2009). Desta forma a ampla discussão do que se já tem incluso no currículo e do que pode vir a figurá-lo se faz urgente, a fim de propiciar uma discussão político-estética dos discursos de poder produzidos hoje.

2 | LITERATURA INFANTIL DE TEMÁTICA HOMOAFETIVA NO ESPAÇO ESCOLAR

Mesmo que na atualidade discursos em favor do respeito das diferenças e, especialmente, conquistas alcançadas por gays e lésbicas, ainda vislumbramos grande resistência à sua presença e protagonismo social em vários espaços que, por direito também lhes pertence. A escola, muitas vezes, se configura como um desses espaços, nos quais as barreiras do preconceito são reforçadas. Dessa forma entendemos a literatura infantil de temática homoafetiva como um meio, se bem trabalhado, de combater essa discriminação e de acolher as diferentes versões de gênero que possam existir dentro do ambiente escolar, uma vez que:

[...] [há] o fato de lésbicas e gays estarem assumindo para si e publicamente, em escala crescente, a linguagem de ternura e da preocupação sentimental em suas parcerias amorosas, bem como dando mostra de uma reedição daquilo que Ariés chama de “sentimento da família”, re-definindo padrões de conjugalidade e parentalidade. (MELLO *apud* SILVEIRA e KAERCHER, 2013, p. 45).

A literatura infanto-juvenil brasileira, desde as últimas décadas do século passado, vem demonstrando ser uma via produtiva de uma literatura que além da mera pedagogia moral ou entretenimento, mostra-se ativa no que diz respeito ao respeito para com gays e lésbicas, bem como com as novas configurações parentais no país. Percebe-se que os autores desse tipo de literatura expressam por meio de suas narrativas a sensibilidade e o respeito, além de abordarem em uma linguagem atraente e cuidadosamente adequada às faixas etárias consumidoras os temas relacionado ao amor entre iguais.

Esse é o caso do autor Ruben Alves, que por meio da fábula *O gato que gostava de cenoura* apresenta a temática homoafetiva relacionada às representações identitárias e as preferências dos animais da obra. A obra faz uma analogia à família burguesa nuclear quando constrói uma família felina composta pelo pai, pela mãe e por um filhinho (Gulliver). A obra aponta muitas subvenções do ponto de vista das expectativas identitárias, os pais de Gulliver, assim como a maioria dos pais heterossexuais de classe média já havia traçado o *script* da sua vida, desde a escolha de seu nome. Gulliver, personagem de Jonathan Swift, era um grande aventureiro que rompe os limites da

geografia e da coragem, enquanto a personagem de mesmo nome de Ruben Alves é um gatinho que apreciava muito mais as emoções e comer cenouras. Principalmente o pai de Gulliver esperava que fosse um gato de grande porte e um grande caçador, que honrasse a linhagem da família. O segundo rompimento dar-se pelo fato do gatinho gostar de comer cenouras, não conseguindo caçar, nem muito menos comer animais como peixinhos dourados, passarinhos ou ratinhos:

Mas para o espanto de seus pais, Gulliver era um gato diferente. Não gostava de caçar. Não gostava de comer nem peixes, nem ratos, nem pássaros, pardais saborosos, peixes cheirosos, tudo em vão. Ele quase vomitava. (ALVES, 2001, p.6)

Sendo assim, Gulliver contraria as expectativas dos pais em uma analogia àqueles que, por meio de sua sexualidade fogem da heteronormalidade. A cenoura além de ser o alimento de coelhos – animais aparentemente minorizados pelos gatos da narrativa –, também podem representar um símbolo fálico, reforçando a aparente passividade do gatinho, que mostra-se sempre mais sensível que os demais. Esta referencia simbólica relacionada à comida está presente em várias culturas antigas:

[...] o antigo simbolismo, isto é, “põe para dentro”, razão por que o comer, digerir e assimilar o mundo se manifesta como superar e apoderar-se do mundo. [...] quando dizemos que a mente “assimila” um conteúdo inconsciente, não estamos expressando muito mais do que aquilo que está implicado no símbolo do comer e digerir. [...] O ato da conscientização é vivido do esquema elementar da nutrição e o ato ou ritual do comer concreto é a primeira forma de interiorização e conscientização conhecida da humanidade. (NEUMANN, 1995, p.41)

A personagem no ato de comer cenouras, simbolicamente, pronuncia sua atitude homossexual, ainda que não tenha conhecimento disto. A narrativa de Ruben Alves oferece ao público infantil e aos educadores um modelo alternativo das afetividades, ampliando o espectro de possibilidades afetivas além da heterossexual, que tem por primado a relação diminuta entre macho e fêmea. A obra favorece a discentes e docentes a problematização de um tema ainda tão polêmico no ambiente escolar, fazendo com que os pequenos leitores alarguem os seus horizontes de expectativas.

Aproximando-se da atitude tomada por muitos pais humanos, os pais de Gulliver, sem entender o que se passa com o filho, o levam para uma minuciosa consulta médica. O diagnóstico do médico é claro: “O corpo está direitinho” (ALVES, 2001, p.6), contudo o diagnóstico não agrada aos pais, que passam a vigiar o filho. Ao saberem que o filho se alimentava de cenouras, os pais, assim como muitas famílias de pessoas homoafetivas, recorrem à medicina e à religião. Justamente essas duas instancias de conhecimento são as que mais produziram discursos regulatórios do comportamento humano, seguido da justiça. Os pais de Gulliver, desconsideram o diálogo, agem como muitos outros pais e como a sociedade que ainda acreditam haver uma “receita” compatível com cada sujeito. Gulliver, impelido pelos pais a atender ao estereótipo esperado pelos gatos é forçado a engolir um rato. Este ato de violência pode

assemelhar-se a uma prática muito conhecida no nordeste brasileiro: pais levavam seus filhos para “debutar” em bordéis, afim que eles se tornassem homens. Diante de tal violência o gatinho vomita o rato, “O corpo e a sensação corporal é autoerótica-narcisista” (NEUMANN, 1995, p.42), logo no ato da regurgitação reside a inconsciente repulsa por aquilo que não lhe proporciona prazer. Esta violência ainda resulta daquilo que Foucault (2010) argumenta ao dizer que as disciplinas que permitem o controle sobre as operações corporais tentam forçar uma relação de utilidade-docilidade.

A solidão recai sobre Gulliver, assim como naqueles que desviam da norma: “Era por isso que andava sempre sozinho. Preferia a solidão. Ninguém o entendia”. (ALVES, 2001, p.8). Sempre tendo que se esconder ele comia cenouras oriundas de horta: “Foi então que Gulliver, depois de olhar para um lado e para outro, para certificar-se de que ninguém o via, começou a fazer a coisa horrível, desprezível para um gato. Começou a comer cenouras.” (ALVES, 2001, p. 8). Esta atitude representa a transgressão – agora consciente – de Gulliver as diretrizes felinas. A reprovação e o preconceito fazem com que algo que aquilo que antes era prazeroso se torne doloroso.

Por sorte, Gulliver se encontra com um de seus professores que percebeu na figura triste do gatinho alguém que necessitava de ajuda. Seu drama foi abordado didaticamente pelo professor de forma sensível mas científica:

A genética nos conta que nosso destino está gravado nas células de nosso corpo como num disquete muito, muito pequeno chamado DNA. Ele já está no feto antes que o bichinho nasça. [...] E o DNA é implacável: aquilo que a natureza fez ninguém é capaz de desfazer. (ALVES, 2001, p.14)

O professor explica por meio de um leque de mescla metáforas e conhecimentos científicos o que pode ser a homossexualidade, e que isto pode ser o que acontece com o gatinho. O professor ainda coloca que “Por vezes o DNA se engana para melhor” (ALVES, 2001, p. 16). E desta forma sutil, tecendo analogias o professor vai explicando a Gulliver sobre a homossexualidade. Fazendo-o entender que a diferença não é algo condenável, mas sim, passível de celebração que, na verdade, é mais uma expressão da perfeição da natureza.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Ruben Alves é escrita numa linguagem apropriada pra o público infantil, que aproxima a temática de seus leitores. As questões da homoafetividade são abordadas de forma delicada, problematizando os preconceitos e violências que a criança homoafetiva pode sofrer em casa e em outros ambientes nos quais convive. Essa abordagem, se apropriada adequadamente pelo professor, pode mostrar para crianças e adolescentes que a homossexualidade não se trará de doença, ou de pecado.

Também que o respeito e o acolhimento são algo fundamental para o desenvolvimento humano, que não devemos nos curvar aos rótulos nem a “ditadura da aparência”. Desta feita, se a reorganização de currículo escolar, principalmente voltado ao trabalho com a sexualidade humana, for feita sem levar em conta antigos dogmas e preconceitos, questões que fazem nossas crianças e adolescentes sofrerem podem ser trabalhadas para uma melhor aceitação de si e pelos outros.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

NEUMANN, Erick. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 159-177.

SANTOS, Rick. Subvertendo o cânone: “literatura gay e lésbica no currículo. In: *Graotá*. Niterói, n.2, p. 181-189, 1^o sem. 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 73-102

TURCHI, Maria Zaira. Uma aposta na esperança : ética e valores na construção do sujeito. In: CECCANTINI, João Luís; PEREIRA, Rony Farto (Org.). *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Ed. UNESP; Assis: ANEP, 2008. p. 211-233.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-72

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-032-2

